

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXII Volume

Redacção e Administração  
Travessa do Convento de Jesus, 4

30 de Agosto de 1909

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1104



OS VENCEDORES DE SALAMINA — QUADRO DE CORMOU (FRAGMENTO)

## CHRONICA OCCIDENTAL

A reforma do nosso ensino secundario e a extensão a dar aos nossos cursos de instrução superior estão interessando as atenções de muita gente, para quem assumptos de tal importancia não se afiguram de importancia minima.

O Conselho Superior de Instrução dirigiu aos professores dos Liceus uma bem entendida consulta a respeito dos pontos que, numa indispensavel reforma do ensino secundario, com maior cuidado deverão ser tratados; e entre as respostas dadas ha uma, a que especialmente se refere á deficiencia do material pedagogico naquelles estabelecimentos do Estado, que é de pôr os cabellos em pé a quem tenha filhos para lá meter nos estudos.

Nos liceus ensina-se a chimica em obediencia a um programa que, como não foi preciso para o fazer mais que uma penna, um caderno de papel e alguma tinta, é abundante e vistoso. Mas não ha ninguem que não saiba que, se existe coisa que menos se possa aprender só de ouvido e por livros é justamente a chimica. Todavia, nos nossos liceus, o ensino da chimica começa por não haver laboratorios onde os alumnos ensaiem e analisem os corpos, onde executem com os mais simplificados aparelhos experiencias illustrativas do ensino das sciencias, ou realizem, em miniatura, algumas das suas mais interessantes applicações industriaes.

Além dos livros, ha o quadro negro e o giz. Oxida-se, reduz-se, hydrata se, saturam se valencias, substituem-se hydrogenios, tudo no quadro negro; e quando o alumno consegue compreender a notação chimica, escrever com desembaraço longas reacções e aplicar sem hesitações as regras da nomenclatura, os professores quasi se convencem de que fabricaram um chimico.

A par da chimica e da fisica, sciencias da analise da materia, assim ensinadas immaterialmente, o ensino das sciencias naturaes é quasi exclusivamente feito fóra da natureza.

Começa-se, porventura, o ensino d'estas sciencias por singelas lições de coisas, que coloquem desde o principio o alumno em contacto com a realidade e lhe ministrem desde a infancia a solida alimentação de factos concretos de que o seu espirito carece? Isso sim!

Acaso se aproveita e cultiva o gosto instintivo pelas «coleções», que tanto se manifesta nas creanças, e pelo qual se revela nellas o enraizado instinto da propriedade, levando-as a organizar pequenos herbarios, mostrarios mineralogicos e coleções de zoologia, meios estes de aprenderem sem esforço, antes com prazer, mil factos interessantes, e mais do que isso, a ser-se methodico e ordenado? Olha agora!

Promove alguém as excursões escolares, tão facéis de realizar no nosso paiz e em todas as estações com o nosso doce clima, essa tão saudavel aprendizagem em contacto directo com a natureza, em que as creanças encontram uma facil e boa satisfação para as suas necessidades materiaes e robustecem, ao ar livre do campo ou da montanha, o organismo comprometido pela permanencia sedentaria das escolas? Esperem lá por essa!

Pódem os alumnos dos nossos liceus trabalhar á lupa ou ao microscopio, observar, desenhar, dissecar, classificar, praticar em fim os variados methodos de investigação scientifica? Está-se nas tintas!

Quando uma creança de dez a doze annos entra nos liceus a frequentar as sciencias naturaes (isto dizem os proprios professores que responderam á consulta do Conselho de Instrução) e lá chega cheia d'essa curiosidade sensorial propria da idade, e que a torna tão propensa á observação da natureza, eminentemente apta para trabalhos manuaes, em virtude das suas tendencias imitativas, oferecendo já na sua insaciavel curiosidade interrogativa o germe do exemplo de investigação scientifica; quando uma creança lhes chega dotada d'estas preciosas e frescas faculdades que seria mister utilizar como sendo os seus meios naturaes de aquisição de conhecimentos, o primeiro cuidado da Instrução Official é cerrar-lhe os olhos á observação da natureza, enluvar-lhe as mãos para a pratica dos trabalhos de laboratorio, poupar-lhe, senão proibir-lhe todo o esforço pessoal de investigação, e entregar-lhe livros em que se encontre mais ou menos habilidosamente comprimida a materia dos programas, livros que a creança começa por olhar com curiosidade e acaba por ver com fastio, e cujas longas descrições ou definições semi abstractas decora machinalmente e papagueia depois.

Em vez de ver nessa creança um cerebro em evolução, cujas faculdades naturaes e instinctivas só pedem que as desenvolvam e aperfeiçoem pelo seu exercicio methodico e repetido, procurando-se converter pouco a pouco a sua curiosidade irrequieta em habitos de observação atenta, a Instrução Official põe de parte, e deixa atrofiar pelo desuso essas faculdades, que são alicerces em que assenta a formação do espirito scientifico, e só cuida de lhe fazer adquirir por processos anti-naturaes, no menor prazo de tempo, o maior numero de conhecimentos.

Sabe-se como quasi tudo se ensina pelos livros e como quasi todo o ensino se cifra em palavras. Até a propria botanica, para o estudo da qual se encontram reunidas na natureza todas as facilidades, cujo material topamos ao nosso alcance em toda a parte para onde nos voltamos, num galho de uma arvore, numa flôr do caminho, numa planta de jardim, numa semente, num fructo, se adquire sem dispendio, se transporta com facilidade, e quasi indefinidamente se conserva—até o estudo d'esta sciencia, que tantas vezes, volvida a idade escolar, vem a constituir um passatempo predilecto, é transtornado pela Instrução Official em uma sciencia livresca, vazia e estopante!

Os professores de liceus consultados pelo Conselho de Instrução a respeito d'estas e outras desgraças, concluem por dizer que o ensino secundario das sciencias não existe em Portugal, só havendo d'elle uma ficção; e invocam em abono da sua afirmação desassombrosa o testemunho de quantos tiveram a infelicidade de fazer a chamada instrução secundaria em liceus portuguezes ou em collegios organizados á sua imagem e semelhança e só mais tarde lograram, por esforços autodidacticos ou na instrução superior, corrigir a deformação cerebral com que de lá vieram, e todos quantos, por sua situação official, seguem e conhecem de perto os processos do nosso ensino.

Com respeito á extensão a dar ao ensino superior, falou de cadeira, como se costuma dizer, na Camara dos Deputados, o illustre professor Sabino Coelho, e disse maravilhas.

Uma das fórmulas d'essa extensão do ensino, segundo este homem entendido, e á qual os governos de Portugal deveriam bem prestar atenção, é a que dá a instrução superior áquelles que, por não lh'o permitirem as suas profissões, não podem frequentar os cursos diurnos. Isto se faz já, de ha muito, e com admiravel exito, nas muitas nações que se honram com o cooperar na infiltração do espirito scientifico pelas diferentes classes sociaes.

Lá fóra, abundam as universidades populares, que não se relacionam com a extensão universitaria, por nada terem com o professorado e a direcção das escolas superiores; e a par d'essas, outras existem que são fórmulas d'ellas, com beneficio do ensino pela sua filiação e com auxilio de vida pela intervenção dos poderes publicos. Porque não se ha de pôr isto em pratica entre nós, com a superintendencia de professores de institutos superiores, devidamente pagos?

A criação de universidades commerciaes, por exemplo, seria uma das fórmulas para nós de maior alcance, desde que considerassemos o commercio uma profissão de categoria superior. Isto, claro está, só depois, ou ao mesmo tempo que se ampliasse, multiplicasse e collocasse na mais alta garchia a instrução superior agricola e industrial.

Na America do Norte julga-se indispensavel aos homens de negocio a instrução superior, na opinião dos grandes entendidos, que lá ha, em materia de administração commercial, bancaria e industrial. Todos elles proclamam a necessidade das universidades commerciaes. E sabe-se como na Inglaterra, em que por muito tempo se preferiu o methodo directo de preparação em casa commercial exclusivamente, se mudou de rumo, até se attingir o nivel de progresso da Universidade de Birmingham.

Mas quando chegaremos nós a alcançar, em Portugal, a elevada categoria scientifica a que têm direito os commerciantes dentro da sua profissão, desde que verdadeiramente se entenda por commerciante ou mais amplamente homem de negocios aquelle que, no dizer do famoso Siegfried, «lendo de manhan nos jornaes o que se passa no mundo, faz idéa exacta da repercussão que tal ou tal facto ocasionará nos negocios em geral e nos seus em particular»?

JOÃO PRUDENCIO.

## Salamina

«Nam pari modo apud Salamina parvo numero navium maxima post hominum memoriam classis est divicta.»

CORNELIO NEPOTE — *Selecta*, parte 2.<sup>a</sup>, *Themistocles*.

«... Sophocles cantava, num côro de creanças, hymnos aos deuses, em acção de graças pela victoria de Salamina; Euripides nasceu no mesmo dia em que ella foi ganha; Herodoto preparava-se para eternisá-la com a penna na mão, e Phidias com o cinzel.»

CESAR CANTU—*Historia Universal*.

Pudéra o insigne historiador italiano, já falecido, acrescentar aos nomes citados o do glorioso Ésquilo, que lá combateu.

«Il combattit lui-même, et en brave, lê-se na *Histoire de la Littérature Grecque* por Alexis Pierron, à Marathon, à Salamine et à Platées. A Marathon, il fut blessé; et, dans l'építaphe qu'il fit pour son tombeau, il oublia le poète, et ne se souvint que du soldat: — Ce monument couvre Eschyle fils d'Euphorion. Né Athénien, il mourut dans les plaines fécondes de Géla. La bois tant renommée de Marathon et le Mède à la longue chevelure diront s'il fut brave: ils l'ont bien vu!»

Este soldado foi o genial autór da tragedia *Persas*, em que Xerxes e Salamina revivem num colorido immortal.

«Se, escreveu Luiz Garrido em memoria sobre os trajicos da Grecia, apresentada á nossa Academia Real das Sciencias, do naufragio em que pereceram tantos monumentos da litteratura dos antigos, apenas tivesse escapado a tragedia em que Eschylo celebrou a victoria alcançada pelos seus compatriotas contra todo o poder da Asia, concentrado na mão de Xerxes, teriamos, ainda assim, um documento irrefragavel a demonstrarmos, de modo decisivo, não só o genio do poeta mas tambem a nobreza innata do character dos Athenienses. Poucos textos depõem tão favoravelmente a respeito dos sentimentos de um povo como esse sublime poema, composto por um soldado das supremas batalhas e das portentosas victorias, em honra dos grandes cidadãos a cuja memoria se deveu a salvação da Grecia.»

A palavra Salamina acorda no espirito a lembrança das guerras medicas, durante as quaes se desenvolveu o brio militar do famoso povo de que na *Histoire Universelle de la Pédagogie*, Julio Paroz, disse: «Eu creio que ha na vida do povo grego alguma coisa que nos falta, — o sentimento e a necessidade do bello!»

A Grecia denominou Guthrie: «uma das mais nobres porções da antiga Europa.»

«Muito tempo antes da chegada das colonias orientaes, a Grecia, disse Fréret, tinha habitantes, mencionados no *Genesis*.»

«A Grecia foi o teatro mais brilhante do desenvolvimento da humanidade», exclamou Ampère.

«Oui, afirma Vinet, l'esprit moderne s'intéresse à la Grèce, mais surtout parce qu'il voit en elle l'anneau d'or qui, das la chaîne des temps, unit le monde oriental à notre Occident, dont elle a été le flambeau.»

Vejamos o que fóram as celebradas guerras medicas.

Recorro neste ponto á prosa elegante de Consigliero Pedroso no *Compendio de Historia Universal*, porque, na realidade, não conheço, resumido, melhor quadro do estrondoso facto e, com certeza, a minha penna ficaria muitissimo áquem:

«O imperio persa depois da conquista da Lydia no tempo de Cresos, ficára dominando de um modo mais ou menos directo em toda a Asia Menor, impondo a sua suzerania mesmo ás cidades gregas da Jonia, que com excepção de Mileto se sujeitaram á vassalagem. Apesar de conservar, porém, a sua independencia foi esta ultima cidade a que se poz á frente do movimento de emancipação das colonias jônicas, dirigindo-se para isso a Sparta a pedir soccorros, e depois que esta cidade se negou a prestar auxilio á insurreição, a Athenas, que lhe forneceu um contingente de soldados e navios. Juntando ás suas forças estes reforços, os jonios cercaram Sardes, capital da satrapia da Asia Menor, tomando-a por surpresa e incendiando-a (anno 500 a. C.).

Logo depois do incendio de Sardes os athenienses retiraram-se da guerra, deixando os jonios

entregues á sua sorte. As consequências d'este acto de rebellião declarada não se fizeram esperar. Dario com o auxilio das esquadras phenicias conseguiu no fim de seis annos dominar a insurreiçãõ, que pouco a pouco se havia estendido a todas as cidades gregas do Hellesponto e da Propontida, á Caria e á ilha de Chypre. Mileto foi destruida, sendo a população levada para a região do Tigre, como no tempo dos antigos monarchas assyrios. As outras cidades da Jonia foram igualmente saqueadas ou destruidas, e os seus habitantes obrigados de novo a submeter-se ao jugo dos persas. Faltava castigar a cumplidade da Grecia, que por culpa de Athenas se fôra envolver nos negocios do Grande-Rei, dando-lhe assim o pretexto que, havia tempo, elle procurava em vão.

Uma primeira expedição commandada por Mardonio dirigiu-se para a Europa, mas foi destruida por uma tempestade junto do monte Athos. A segunda expedição tinha á sua frente Datis e Artaphernes. Compunha-se de cem mil homens, e na sua passagem foi submettendo as diversas ilhas das Cycladas. Chegados que foram os persas ás costas da Grecia, desembarcaram as suas tropas na planicie de Marathona situada na parte oriental de Attica. Eram ahí esperados por dez mil athenienses e mil habitantes de Platea ás ordens de Milciades. Os spartanos, avisados para virem tomar parte na batalha, responderam que não poderiam partir senão depois da lua cheia. Foram os athenienses de opinião de que não devia esperar-se.

No combate que então se travou (anno 490 a. C.) foi o exercito do Grande-Rei completamente desbaratado, tendo que retirar para a Asia depois de haver ainda tentado de balde surprender Athenas. Foi esta batalha, uma das mais importantes da historia antiga, que deu fim á primeira guerra medica. Graças a ella conseguiu a Grecia escapar ao jugo estrangeiro, e Athenas, que supportára todo o choque da invasão, logrou pôr-se em evidencia como potencia militar, principalmente pelo retrahimento fortuito ou premeditado de Sparta. Infelizmente o vencedor de Marathona, Milciades, comprometteu a sua gloria por uma expedição sem resultado á ilha de Paros, morrendo pouco depois sem ter podido pagar a multa de cincoenta talentos que lhe fôra imposta, a qual seu filho Cimon se apressou a satisfazer.

Depois da morte de Milciades, foi Themistocles quem exerceu em Athenas maior influencia. Dotado de qualidades verdadeiramente superiores, conseguiu elle, de posição bastante humilde, elevar-se aos mais altos cargos da republica, tornando-se por fim o chefe do partido popular. O seu grande merito foi o ter comprehendido que, apesar da victoria de Marathona, os persas não haviam desistido do intento de subjugarem a Grecia, e de ter empregado por consequencia toda a sua influencia e poder para que, durante as treguas que lhe eram concedidas, Athenas se preparasse por todos os modos para a lucta que em breve ia recomençar, creando sobretudo uma forte esquadra, pois era como potencia maritima que a cidade, no seu entender, devia salvar-se. A politica seguida por Themistocles no intervallo da primeira á segunda guerra medica apesar de ser a mais prudente, como de resto os successos posteriores o mostraram, não foi acceita comtudo sem protestos da parte d'alguns cidadãos, e Aristides mesmo, o chefe do partido aristocratico e no dizer de todos, o homem mais justo de Athenas, declarou-se em guerra aberta contra o seu promotor. A lucta que se empenhou entre os dois rivais tornou-se por fim de tal maneira intensa, que perdendo-se a esperança de qualquer conciliação, teve Aristides de ser votado ao ostracismo, e obrigado portanto a exilar-se.

Aproveitando-se da ausencia do seu rival, Themistocles acabou de pôr em pratica o seu plano de defeza e esperou pelos acontecimentos. Foram estes, com effeito, que justificaram plenamente a sua conducta. A batalha de Marathona produzira um terrivel effeito na Persia, e as consequências que poderiam advir á integridade do imperio do Grande-Rei, se por ventura a ousadia dos gregos não fosse promptamente castigada, ninguém as podia prevêr. Comprehendendo isto mesmo, Dario não cessou de fazer grandes preparativos durante tres annos para uma nova invasão. Quando ia porém a pôr em pratica este designio, primeiramente uma revolta do Egypto e depois a morte que lhe sobreveio, impediram-no de realisar o seu empenho. Xerxes, seu filho e successor, teve primeiro que subjugar o Egypto, mas logo que conseguiu restabelecer a tranquillidade n'esta região e reduzi-la de novo á obediencia, voltou naturalmente as vistas para a Grecia.

Empregou bastante tempo em preparar um

formidavel exercito, tirado das diversas satrapias do imperio, ainda mesmo as mais afastadas, como a da India, que tambem forneceu o seu contingente. No fim de alguns annos conseguiu reunir um milhão de soldados e mais de mil e duzentos navios, e dispoz-se a tentar a invasão. A Thracia, a Macedonia e a Thessalia foram as primeiras a soffrer o embate do exercito de terra, e tiveram que submeter-se quasi que sem combater.

A resistencia séria que por este lado as tropas de Xerxes encontraram, foi no desfiladeiro das Thermopylas, onde Leonidas com trezentos spartanos e alguns thespios disputou gloriosamente aos persas a passagem por algum tempo. Forçadas as Thermopylas pela traição de Ephialtes, depois da heroica morte dos seus defensores, os persas acharam o caminho livre até á Attica, onde com effeito Xerxes entrou, apoderando-se de Athenas.

A tomada da capital comtudo, que em outra qualquer occasião importaria a ruina da nação, n'aquelle momento critico pouca ou nenhuma influencia teve, por isso que os athenienses se haviam retirado em massa para os seus navios onde aguardavam o momento de offerecer combate á esquadra dos persas. Este momento não se fez esperar. Themistocles conseguiu por um habilissimo estratagem, por um lado conservar os navios gregos na enseada de Salamina, e por outro atrahir os persas a este ponto promettendo-lhes uma facil victoria sobre os athenienses. Fiado n'esta promessa Xerxes deu ordem para o ataque e só conheceu o laço em que havia cahido, quando parte da sua esquadra estava já destruida e o resto ou aprisionado ou em precipitada fuga. A victoria dos gregos foi completa (480 a. C.), e Xerxes não teve outro recurso senão retirar-se para a Asia com os destroços do seu brilhante exercito.

Ainda aqui não pararam os desastres dos persas. Mardonio que ficára na Grecia com um exercito de trezentos mil homens, para levar a cabo a sua conquista, foi batido em Platea por Pausanias, e no mesmo dia a esquadra atheniense desbaratou completamente a armada persa em Mycale, nas costas da Asia. Com estas ultimas victorias pôde dizer-se que a Grecia estava livre, e embora a guerra ainda continuasse, promovida principal e quasi exclusivamente por Athenas, os papeis tinham-se invertido e d'aqui por diante eram os persas os atacados, e os gregos os que tomavam a offensiva.»

Themistocles, Xerxes e Salamina são os nomes que avultam mais no quadro precedente.

«O combate naval de Salamina, ganho por Themistocles, sustenta Leroy na *Philosophie Catholique de l'Histoire*, destruiu juntamente com a fróta persa os ambiciosos projectos de Xerxes.»

Salamina, hoje Colouri conforme a designam os francezes Bouillet e Cortambert, é uma ilha situada no golfo atualmente denominado de Aténas ou de Ejina, antigo Saronico, na parte do mar Egeu comprehendida entre a Atica e a Argolid.

Nas suas aguas se travou a acção memoravel de que foi testemunha presencial o soberbo Xerxes e onde viu succumbida toda a sua arrogancia.

O estratagem de Themistocles que consistiu em illudir os persas depois de persuadir os seus cidadãos a aguardar o inimigo a bordo dos navios, onde o imperio da necessidade se lhes impoz forçando-os á peleja, similhante estratagem vingou tanto no proveito immediato quanto na fama dos seculos.

«Un homme, narra o erudito Barthélemy na *Voyage du jeune Anacharsis en Grèce*, alla, pendant la nuit annoncer de sa part — (alude o autor a Themistocles) — aux chefs de la flotte ennemie, qu'une partie des Grecs, le général des Athéniens à leur tête, étaient disposés à se déclarer pour le roi; que les autres, saisis d'épouvante, méditaient une prompte retraite; qu'affaiblis par leurs divisions, s'ils se voyaient tout à coup entourés de l'armée persanne, ils seraient forcés de rendre leurs armes, ou de les tourner contre eux-mêmes.

Aussitôt les Perses s'avancèrent à la faveur des ténèbres; et, après avoir bloqué les issues par où les Grecs auraient pu s'échapper, ils mirent quatre cents hommes dans l'île de Psytali, placée entre le continent et la pointe orientale de Salamine. Le combat devait se donner en cet endroit.»

«Il fallait donc combattre, diz o illustre Duruy na *Histoire Grecque*, et sur ce champ de bataille que Themistocle, avec l'audace du génie, prenait sur lui d'imposer à ses concitoyens.»

Do desfêcho da batalha de Salamina pendeu a causa da civilisação humana, como teem pretendido alguns escritores?

«La journée de Salamine ne sauva pas seulement Athènes et la Grèce; cette journée, la plus importante peut être dans les annales du monde, sustenta Arbanère na *Analyse de l'Histoire Asiatique et de l'Histoire Grecque*, sauva la civilisation, et ses doux fruits, les sciences, les lettres, les arts. Les Grecs vaincus, quelle digue eût contenu la monarchie persane qui, comme une vaste mer, eût débordé sur tout l'Occident? Rome était naissante, ignorée et faible. L'or de l'Asie eût acheté Carthage; le reste des peuples occidentaux n'offrait que des tribus sauvages, faciles à soumettre dans leur isolement et leur dénûment. L'Europe eût été flétrie pour un temps indeterminé par les fers du despotisme oriental. Des combinaisons malheureuses d'événements ont pesé depuis sur elle; mais elle a ignoré du moins cette lâche et tranquille servitude des peuples asiati-ques.»

«Michelet, assevera Alberto Pimentel em *A Jornada dos Seculos*, liga uma justa, uma grande importancia politica ao resultado das guerras medicas. Não se tratava, com effeito, de uma lucta fratricida entre dois ramos da numerosa raça indo-européa. Não estavam apenas frente a frente, rosto a rosto, áryas do Iran e áryas da Hélade. Não se tratava simplesmente da Persia e da Grecia; o duello era travado entre o Oriente e o Occidente, entre a Asia e a Europa. Tratava-se de conquistar o dominio espiritual do mundo, de empunhar as rédeas da suprema governação dos povos. Era a disputa da hegemonia entre a Europa e a Asia, um combate cruel em que se jogava pelas armas o futuro da humanidade.

— O grande, o incomparavel acontecimento d'este globo — diz o historiador francez — é a victoria de Salamina, a victoria eterna da Europa sobre a Asia. Facto de alcance immenso, diante do qual tudo desaparece. Lemos, relêmos, sem a menor sombra de enfado, Platea, Marathona, Salamina, sempre fascinados, arrebatados d'um entusiasmo sempre fremente. Ha razão para isso. Trata-se da nossa origem.»

Tambem eu me percebo entusiasmado ao figurar, lendo as obras que relatam os acontecimentos de já tão remotas epochas, aquêles gregos vencedores de inimigo muitissimo superior em numero, mas não me permitto chegar ao ponto de embriaguez no exajêro.

Se Salamina fosse o que quiz Michelet, que valor teriam Jesus e 89 perante a vida do homem e no conceito da civilisação?

Um valor secundario e não primacial como lhes pertence.

Influiu a grande batalha, desprestigiando a Xerxes e abrindo o periodo esplendoroso culminado por Pericles numa aurora sem ocaço na historia do mundo; é, porém, lojico admittir que mesmo sem Salamina, as terras onde foi mestre Platão haveriam de irradiar luz a jorros sem paralelo possivel dentro do planeta.

Perfilho antes a sabia opinião do distinto Maspero em *Histoire Ancienne des peuples de l'Orient*:

«Pour que la civilisation hellénique périt, il aurait fallu que la race hellénique fût anéantie par le choc de l'Asie.»

E mesmo tendo cabido o triunfo aos persas, parece me que succedia com a vencida de então o que ocorreu mais tarde com a vencida dos romanos: os vencedores mostrar-se-iam os verdadeiros vencedores do ofuscante facho civilizador com que Aténas encandeou suavemente a pupila dos guerreiros vitoriosos da cidade do Tibre.

D. FRANCISGO DE NORONHA.

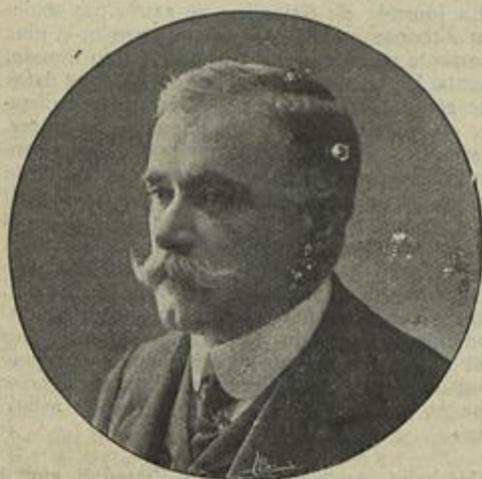


### Instituto de Cegos «Branco Rodrigues»

Foi Portugal um dos primeiros países que estabeleceu um instituto de cegos e surdos-mudos, fundado em 1823 pela influencia do duque de Palmella, então ministro de D. João VI, e sob a direcção do professor Borg, para esse fim contratado em Stokolmo.

Este instituto instalou-se no palacio dos condes de Mesquitella, á Luz, e ali funcionou até o anno

# Instituto de Cegos «Branco Rodrigues»



BRANCO RODRIGUES  
FUNDADOR DAS ESCOLAS DE LISBOA E PORTO



CLASSE DE GIMNASTICA DA ESCOLA DE CEGOS DO PORTO



MIGUEL MOTTA  
DIRETOR DA ESCOLA DE CEGOS DO PORTO



AULA DA ESCOLA DE CEGOS, NO PORTO



EDIFICIO DA ESCOLA DE CEGOS, NO PORTO



GRUPO DE ALUMNOS DA ESCOLA DE CEGOS, DE LISBOA

## Instituto de Cegos «Branco Rodrigues»



ALUMNAS DA ESCOLA DE LISBOA  
EXECUTANDO LAVORES

ainda quem disso se lembre.

Esses cegos tinham-se, na sua maioria, aplicado á musica, unica coisa que puderam aprender, e que lhes ensinava o conhecido musico Thomaz Jorge, o qual então os tomou sob sua protecção, promovendo-lhes meios de elles ganharem alguma coisa pela sua arte. A morte, porém, de Thomaz Jorge, foi, para os cegos que ainda restavam da banda, o ultimo golpe de misericórdia.

Acabava completamente toda a assistencia official aos cegos, e ai delles se a iniciativa particular não surgisse a procurar quanto possivel melhorar-lhes a sorte.

Por 1891 criou-se em Lisboa, o Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho, que se tem mantido com as maiores difficuldades, sendo asaz limi-



ALUMNO DA ESCOLA DE LISBOA  
ESCREVENDO Á MAQUINA

de 1834, passando nesse anno a incorporar-se na Real Casa Pia de Lisboa como medida economica, dando o governo áquelle estabelecimento, o subsidio para esse fim, de quatro contos e oitocentos mil réis annuaes, subsidio que afinal foi suprimido em 1844, de que resultou ficar o ensino dos cegos ao abandono, e por fim os proprios cegos, pois tendo-se desenvolvido as oftalmias e congitevites que se iam propagando aos outros alumnos daquel'e estabelecimento, por falta de medidas preventivas que tivessem obstado a essa propaganda, foi forçoso, para acabar com o mal pela raiz, expulsar os pobres cegos, como então foi notorio e haverá



ALUMNOS DA ESCOLA  
DO PORTO  
FABRICANDO ESCOVAS

tado o seu alcance social.

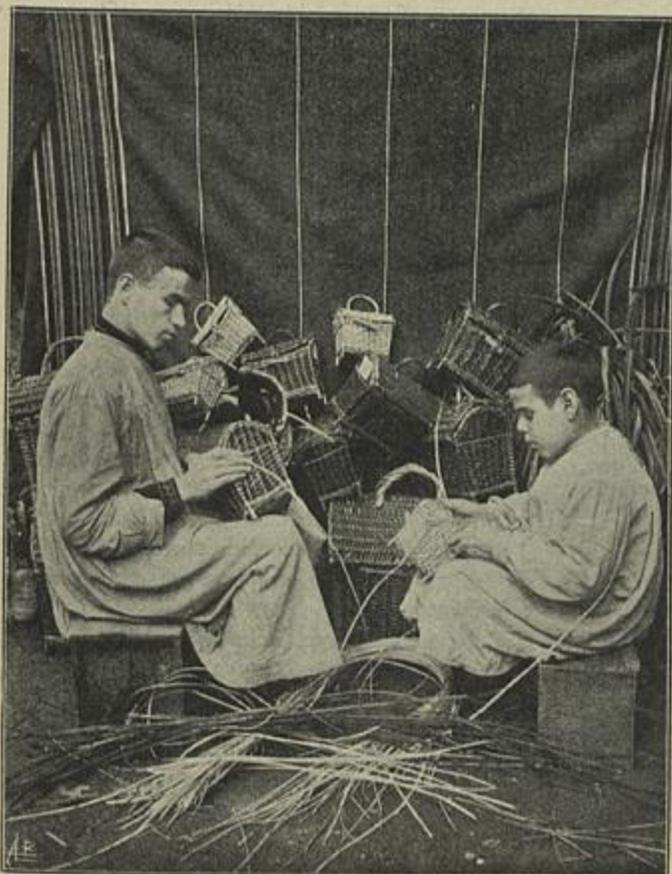
Em Coimbra e no Porto tambem se estabeleceram asilos para cegos, mas simplesmente sob a fórma de albergue, sem ensino.

Sem um instituto official especialmente dedicado ao ensino dos cegos; sem uma enfermaria nos hospitaes para seu exclusivo tratamento, como, ha em todos os hospitaes dos paises estrangeiros, os cegos tem sido considerados em Portugal como individuos a quem mais se não póde fazer que dar-lhe esmola, não tratando dos meios de os curar, de prevenir a propagação do mal pela observancia da hygiene conveniente, e assim a estatistica acusa no país um elevado numero de cegos só comparavel com a estatistica da Russia, onde

parece não se cuida tambem destes pobres cidadãos.

Falámos em estatistica, mas não se pense que ella é official, como se vae vêr.

Desde alguns annos para cá appareceu uma benemerita iniciativa particular a cuidar da sorte dos cegos, de mais algum valor do que a da simples esmola. Essa iniciativa teve-a o sr. Branco Rodrigues que com amor e tenacidade inquebrantaveis principiou a advogar a causa dos cegos. A isto nos referimos no volume de 1898 desta revista, e no livro que publicámos agora, *Contos e Digressões*, na parte que trata de *Uma visita a Castelo de Vide*.



ALUMNOS DA ESCOLA DE LISBOA FABRICANDO CESTOS



ALUMNOS DA ESCOLA DE LISBOA FABRICANDO GAIOLAS



— Valha-me Deus! — gritou Peter Bligh. — já não posso commigo! Não dou nem mais um passo, ainda que me offereçam um milhão! Ai, capitão, veja se segura o velho pela gafforina!

Dei-lhe um empurrão e disse que se calasse.

— Antes queres tomar um banho no charco, pelo que vejo! Onde diabo tens o animo? Ora vamos, tem coragem! Outros cem metros e poderás então respirar á vontade. Não vês lá em cima, o velhote á nossa espera?

Peter calou-se e continuamos trepando até chegarmos onde o francez estava, e a quem encontrei esperando-nos á borda d'uma especie de gruta, o logar mais extraordinario que se poderia esperar n'aquelle montão de rochas.

Um verdadeiro ninho d'aguas!

Dally Venn já ali estava, e Seth Barker, deitado no chão, respirava com força tal que parecia abalar a rocha. Clair-de-Lune era o unico que se conservava fresco, e no seu inglez estropiado, começou a manifestar os seus desejos.

— Messieurs, — disse elle — não falem tanto e comecem por descançar. Ai, messieurs!... Que bem fizeram em me seguir! Aqui não ha nenhum cão que ladre. Eu vou descer a escada e tudo correrá bem. Amanhã falarão para o seu barco e voltarão para o seu paiz. Eu tambem sou marinheiro, mas morrerei aqui com as minhas filhas, ninguem virá buscar o pobre velho Clair-de-Lune, nunca... nunca!... Mas a vós, quero salvarvos porque sois bons companheiros.

Era extraordinario o que dizia aquelle homem, mas não havia tempo para lhe fazer perguntas.

A meio da gruta via-se uma especie de poço, d'onde saíam os braços d'uma escada de mão que ia até ao fundo.

O velho desceu então por ella e eu segui-o sem relutancia.

Uma lanterna illuminava o recinto, e deixou-me vêr uma especie de gruta natural, formada na rocha, que teria uns vinte pés de profundidade.

Esta gruta estava toda alcatifada de folhas seccas, e a um canto, n'um rincão da parede via-se uma cama feita tambem de vegetaes. Do outro lado, uma lareira onde crepitavam ainda alguns tóros de madeira, e ao pé d'esta, um bocado de lona, que servia sem duvida, para resguardar da chuva que entrava pelas aberturas da rocha. Alguns utensilios de cosinha, revelavam ser esta a habitação de Clair-de-Lune na montanha, ou que pelo menos, ali passava uma grande parte da sua vida.

Não nos podia dar melhor prova da sua confiança, do que hospedar-nos em sua propria casa.

Chegava portanto a momento de lhe agradecer.

— O que fez por nós, nem eu, nem os meus companheiros, jámais o esqueceremos — lhe disse calorosamente. — Aqui tem a mão de um marinheiro e com ella toda a nossa gratidão. Se algum dia lhe puder ser prestavel, creia que será para mim uma felicidade. E caso esteja disposto a vir connosco juntamente com as meninas, Jasper Begg está prompto a recebê-los todos a seu bordo, e terá n'isso a maior satisfação.

Apertamos as mãos e elle pousou a lanterna que trazia, sobre uma saliencia da rocha.

Peter Bligh, estendido de papo para o ar, ia rezando uma ladainha enorme a todos os santos seus conhecidos, para que o auxiliassem; Seth Barker respirava como um cavallo estafado; Dolly Venn mantinha-se de pé, encostado á parede, com a cabeça apoiada no braço, parecendo um andarilho descançando depois da corrida.

Clair-de-Lune retirou a escada e começou a preparar tudo, como se faz a bordo, quando chega a hora de recolher.

— Ninguem vem aqui — disse — ninguem poderá descobrir este caminho. Podeis dormir á vontade, e amanhã, fareis signal ao barco e descereis por onde eu vos ensinar. Quanto a mim e aos meus, não vos dê cuidado. Esta é a minha casa. Eu já sou extranho no meu proprio paiz. Ninguem se recorda já de Clair-de-Lune. Ha doze annos que vivo aqui. Cinco vezes dormi o espantoso somno que produz esta ilha. Cinco vezes vivi, emquanto os outros morriam. Para que hei de ir ao meu paiz, quando já não tenho paiz? Não. Não sairei d'aqui. Mas vós, senhores, deveis partir depressa, por causa do somno.

Aguçou-me a curiosidade escutar aquella extranha phrase, e Dolly Venn que falava perfeitamente o francez, adiantou-se-me, e durante cinco minutos elle e Clair-de-Lune, estiveram falando com a mesma animação como o fariam duas velhas no mercado.

— Que diabo quer dizer isso «por causa do somno?» Acaso não se poderá dormir na ilha de Ker? Que doidice é essa?

Tinha-me esquecido completamente, que Clair-de-Lune falava tambem o inglez, pois se voltou para mim a recordar-m'o.

— Não é doidice, não, messieurs. Ah!... Mais de um descobriu ser um facto o que eu dizia, porém, demasiado tarde. Não é doidice, mas sim uma verdade terrivel. Três, quatro vezes no anno, se vê isso. Toda a gente dorme então, se não se retira da ilha. Os senhores dormirão tambem se não tratam de se safar. Queira Deus que cheguem ao seu barco antes d'esse dia.

Fiz mil esforços para aclarar este mysterio, mas foi tudo em vão. Era o mesmo do que estar falando a um china.

Dolly, como já disse, entendia perfeitamente o francez, e fez todo o possivel para que Clair-de-Lune lhe explicasse o que era o tal somno.

— Diz elle, que chamam a esta ilha, a *ilha do Somno*. Duas ou três vezes por anno, eleva-se das lagoas e pantanos, um vapor pestilento que priva dos sentidos todas as pessoas, as quaes não recobram o conhecimento, senão mezes depois. Não será verdade, capitão, mas em todo o caso, é o que dizem.

— Verdade ou mentira, Dolly, faremos todo o possivel para o não experimentarmos. Isso é um conto de fadas, com certeza, mas não me agrada muito.

— Tampouco me agrada esta musica — exclamou Peter Bligh, chamando a nossa atenção para dois tiros que haviam disparado, não lá debaixo do bosque, mas de outro sitio que parecia ser da praia.

— Será Harry Doe que nos avisa? — exclamei. — Talvez fugisse com a lancha, mas ao amanhecer o chamaremos e veremos onde está o barco.

A tempestade havia-se desencadeado furiosamente e rugia por entre os pedregulhos, d'uma maneira tal, que mettia medo.

O que tinhamos visto dos habitantes da ilha, e as extranhas palavras do velho francez, foram sufficientes para crear na nossa imaginação, uns pensamentos phantasticos, levando-nos a duvidar se estariamos acordados ou se seriamos victimas de algum pesadelo.

Aguardámos o amanhecer, com a anciedade das pessoas que passam uma noite mal dormida, e creio bem, que se soubessemos o que nos esperava, melhor fóra não termos visto a luz d'esse dia.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

## Elementos de Historia da Arte

Com o quarto volume — *Arte Moderna* — dado á estampa recentemente, preencheu a grande lacuna que existia em Portugal a semelhante respeito, a já benemerita *Bibliotheca de Instrucção Profissional* pela penna de João Ribeiro Christino da Silva, professor escrupuloso e illustrado, homem honesto e bom.

Mais difficil por mais proxima a epoca de que se occupa e muito mais ardua a tarefa de escolha de fontes elucidativas por haver abundancia de trabalhos escriptos e de documentação viva, Christino da Silva, sem embargo, venceu o obstaculo temeroso e em seis capitulos correntios, acompanhados de estampas conforme os tres anteriores volumes, precisou e accentuou as características fundamentaes e essenciaes do periodo que chega até nós, ou seja *Arte Moderna*, ultima parte da sua obra, por elle iniciada e levada a cabo com feliz orientação e apreciabilissimo remate.

Este quarto volume constitue um verdadeiro quadro de empolgante synthese, em que brilham no seu justo colorido as provas de Arte reveladoras da potencia creadora do ingenho humano desde o seculo xviii aos nossos dias, sem exceptuar no plano as apartadas regiões da Oceania.

A patria portugueza occupa o devido logar no quadro a que alludo, achando-se registados todos os nomes dos seus artistas de merito bem como os titulos das suas produções consagradas, não faltando mesmo na obra de Christino da Silva sempre que o proposito se proporciona, a nota de critica generalisada e a lição pratica aproveitavel.

O diligente e infatigavel auctor honrou assim a memoria, tão cara por certo ao seu coração, de um outro auctor entre nós celebrado e que não só evidenciou o genio artistico dos portuguezes pelo seu valor de exteriorisação individual, mas tambem o transmittiu na pessoa de um digno herdeiro das suas aptidões e do seu nome: refiro-me a João Christino da Silva, pae do auctor de *Elementos de Historia da Arte*.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



## PUBLICAÇÕES

**Memorias d'um policia amador — Morte de Sherlock Holmes** — Traducção de Christovão Ayres (filho) — Livraria Ferreira, editora — Lisboa — 1909.

E' este mais um interessante volume da celebre collecção do auctor inglez A. Conan Doyle, que se lê com gosto, sempre aguçado pela presença de estampas apropriadas.



## NECROLOGIA

### General Craveiro Lopes

O general sr. Francisco Higino Craveiro Lopes distinguuiu-se tanto pela sua illustração, como pelo estrito cumprimento de seus deveres militares, sendo energico e ao mesmo tempo prudente, pelo que era muito estimado por seus subordinados até ao mais humilde soldado, velando sempre pelo bem de todos.

Estas qualidades que ornavam seu caracter, garantiram lhe simpatias que sempre o acompanharam nas mais elevadas comissões que desempenhou, quer como comandante, que foi durante muitos annos do regimento de artilharia 1, quer no comando de 1.ª divisão e ainda no alto cargo de chefe da casa militar de El-Rei, em que succedeu ao falecido general Francisco Maria da Cunha.

O general sr. Craveiro Lopes contava 71 annos incompletos, pois nascera a 25 de outubro de 1838, e aos 16 annos assentou praça na arma de artilharia, promovido a alferes em 1860; a tenente em 1862; a capitão, em 1866; a major, em 1879; a tenente-coronel, em 1884; a coronel, em 1888; a general de brigada, em 1894; e a general de divisão, em 1900. Sucedeu no comando da 1.ª divisão militar ao general Antonio Campos, e nesse comando foi atingido pelo limite de idade o anno passado.

Exerceu tambem o logar de director geral da secretaria da Guerra, e tomou parte na embaixada portugueza que foi assistir ao casamento da Princesa das Asturias.

Em 31 de dezembro de 1907 foi nomeado chefe

da casa militar de El-Rei, alta comissão em que a morte o colheu.

El-Rei D. Manuel visitou na sua curta doença o general Craveiro, mas o seu estado não lhe permitiu reconhecer o interesse que o monarca tomou pelo chefe da sua casa militar, porque o en-



GENERAL CRAVEIRO LOPES

fermo havia perdido a vista e o ouvir nos ultimos dias da doença, de que veiu a falecer no dia 11 do corrente.

O sr. general Craveiro Lopes era agraciado com as seguintes condecorações: gran-cruz da Torre e Espada, de Aviz e de Isabel a Católica, oficial da Ordem de Cristo, cruz de 1.ª classe da real ordem da Corôa da Prussia, cruz de 3.ª classe do Merito Militar de Espanha, de Carlos III, e grande oficial da Legião de Honra. Tinha tambem as medalhas militares de ouro, de bons serviços e exemplar comportamento.

O falecido deixa tres filhos: a sr.ª D. Luiza, e os srs. dr. Antonio e capitão João Craveiro Lopes, a quem endereçamos nossos sentimentos.

### Visconde de Sanches de Baena

Na madrugada de 8 do corrente, faleceu no seu palacete de Bemfica o sr. visconde de Sanches de Baena, Augusto Romano Sanches de Baena Faria, bem conhecido por seus estudos genealogicos que publicou, e outros trabalhos de investigações historicas, que lhe mereceram sempre particular predileção.

Filho de José de Sousa Costa, fidalgo da côrte e de D. Maria do Carmo de Baena Coimbra, nasceu em Vairão, a 26 de setembro de 1822. Neto paterno dos condes do Prado e materno dos Sanches de Baena e Almeidas Portugaes.

Encontrava-se no Porto cursando a Academia da Graça, quando, em 1832, teve de emigrar com seus paes, que seguiam a causa de D. Miguel. Ainda creança, foi para o Brasil dedicar-se á vida comercial, e em 1859 estabelecia no Rio de Janeiro um Laboratorio de produtos quimicos e farmaceuticos, para o que se havia habilitado com os necessarios estudos.

Um anno depois, em 1860, o colera morbos assolou aquella capital, e então o sr. Sanches de Baena evidenciou seus grandes dotes humanitarios na caridade com que socorreu os atacados da terrivel epidemia, fornecendo gratuitamente medicamentos aos hospitaes e a particulares, com aquella generosidade que distinguu sempre os actos de sua vida.

Contribuiu para a fundação de muitas instituições uteis para a colonia portuguesa e fez parte das suas direcções. No meio da sua laboriosa vida, ainda encontrou tempo para investigações historicas nos arquivos do Rio de Janeiro, com que elaborou a relação de mercês concedidas por D. João VI durante a sua estada no Brasil, de 1808 a 1822, que cedeu a Innocencio Francisco da Silva.

Em 1867 o sr. visconde de Sanches de Baena regressou á patria e estabeleceu sua residencia em Lisboa, onde se entregou ás suas investigações na Torre do Tombo, sobre genealogias, publicando varios trabalhos, taes como: *Arquivo heraldico genealogico*, *Notas e documentos inéditos para a biografia de João Pinto Ribeiro*, *Noticia historica e genealogica da familia Ascendentes e Alianças do general Palmeirim*, *Resenha genealogica da familia de Pedro Alvares Cabral*, *Dicionario aristocratico*, etc. Publicou tambem um

*Manual de saude e Manual terapeutico*. O ultimo trabalho que deu a publico, que nos conste, foi um estudo sobre *Gil Vicente e a custodia de Belem*.

Fez parte da *Comissão Central 1.º de Dezembro* e nella colaborou com todo o entusiasmo da



VISCONDE DE SANCHES DE BAENA

sua alma patriótica, pretendendo á comissão executiva que levou a efeito a erecção do monumento aos Restauradores da Independencia de Portugal.

Era socio do Instituto de Coimbra e de outras sociedades scientificas e literarias do país e do estrangeiro.

O titulo de visconde foi-lhe conferido em 1868, no governo de D. Antonio Alves Martins, bispo de Viseu.

O OCCIDENTE algumas vezes se honrou com a colaboração do erudito investigador, que tinha por esta revista particular afeição.

Publicando hoje o seu retrato, prestamos nossa sentida homenagem á sua memoria.

## Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

**Extração dos dentes sem dor**

**Dentes artificiaes colocados sem placa**

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

## Cambios e Papeis de credito

**Vierling & C.ª, Limitada**

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46—1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

—\* LISBOA \*—

Endereço telegraphico- «STERLING».

## E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

**Foupas brancas** para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de comissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

## ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

**DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA**



PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

**A. BOBONE**

PINTOR PHOTOGRAPHO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Gran Prix, 4 diplomas de honra, 8 medalha d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos

Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do país

79, RUA SERPA PINTO, 78 (Chlado, junto da Igreja dos Martyres), LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

**BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ**

**Kilo 1:500 réis**

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



**CHOCOLATE -- CAKULA**

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis